

Um hóspede inóspito: o infamiliar e o niilismo entre Freud e Nietzsche

An inhospitable guest: the unfamiliar and nihilism between Freud and Nietzsche

Isadora Petry

Resumo

Partindo do solo da conhecida leitura que Freud realiza de Nietzsche, leitura esta admitida pelo próprio psicanalista apenas tardiamente; o artigo pretende elaborar uma reflexão sobre o conceito de *infamiliar* na teoria psicanalítica freudiana, tomando como base principal o texto *Das Unheimliche* (1919). Paralelamente, desenvolve aproximações entre a noção de *infamiliar* e o conceito de *niilismo*, tal como este aparece em determinadas passagens da obra nietzscheana entre 1886-1888. Reconhecendo, ao mesmo tempo, o limite e o alcance de toda aproximação, o artigo pretende tão somente extrair consequências epistemológicas relevantes a partir do confronto de Freud com a filosofia de Nietzsche, ampliando perspectivas da obra freudiana que são de interesse metapsicológico.

Palavras-chave:

infamiliar; niilismo; psicanálise; Freud; Nietzsche.

Abstract

Starting from the well-known reading that Freud performs of Nietzsche, a reading that was admitted by the psychoanalyst himself only belatedly; the article intends to elaborate a reflection on the concept of the unfamiliar in Freudian psychoanalytic theory, taking as its main basis the text *Das Unheimliche* (1919). At the same time, it develops similarities between the notion of the unfamiliar and the concept of nihilism, as it appears in certain passages of Nietzsche's work between 1886-1888. Recognizing, at the same time, the limit and scope of any approach, the article only intends to extract relevant epistemological consequences from Freud's confrontation with Nietzsche's philosophy, expanding perspectives of Freud's work that are of metapsychological interest.

Keywords:

unfamiliar; nihilism; psychoanalysis; Freud; Nietzsche.

Um hóspede inóspito: o infamiliar e o niilismo entre Freud e Nietzsche

Introdução

Em *A História do Movimento Psicanalítico* (1914), pouco antes do conhecido parágrafo em que Freud afirma ser a teoria do recalque a “pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (1996, p. 26), ele reconhece ter negado a si mesmo “o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar qualquer espécie de ideias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise” (Ibidem). Sabemos que isso é verdade somente em parte, pois apesar das ambivalências de Freud para com Nietzsche, o fato é que o psicanalista foi um leitor assíduo deste último, como nos mostram Gasser e Assoun¹.

Segundo Assoun, a conjunção “Freud e Nietzsche”

foi percebida e autorizada há muito tempo, a bem dizer desde a origem da psicanálise, desde que foram descobertas ressonâncias de uma obra e de um verbo na outra. Como não perceber, pelo menos intuitivamente, até que ponto tal ou qual enunciado nietzschiano não ‘soa freudiano’? Por isso se teceu sem cessar o fio dessa analogia, a ponto de fazer dela um lugar-comum. Essa tentação já é em si mesma um fato que une, mesmo contra sua vontade, o fundador da psicanálise a este grande ‘precursor’ (ASSOUN, 1989, p. 9).

Como o próprio autor afirma, o fio que une Freud e Nietzsche foi algo de que o próprio fundador da psicanálise buscou se esquivar. Porém, nas “famosas quartas-feiras” da Sociedade Psicanalítica de Viena, o nome de Nietzsche aparece ao menos duas vezes no ano de 1908. Em tais ocasiões, reúnem-se para ler *A genealogia da Moral*: Otto Rank, Adler, Hitschman, o próprio Freud, entre outros membros do círculo analítico de Viena. Na ata de um desses encontros sobre o “caso Nietzsche”, tal como era nomeado pelos participantes, Freud “insiste antes de mais nada em sua relação singular com a filosofia, cuja natureza abstrata lhe é tão antipática que finalmente renunciou a estudá-la”. Mas isso é “anunciar de saída que só poderia tratar-se, para Freud, de um discurso – sobre Nietzsche, neste caso – analítico” (ASSOUN, 1989, p. 19). Diz conhecer a obra de Nietzsche, “mas isto não significa falta de interesse, muito ao contrário, suas ‘tentativas ocasionais de lê-lo foram sufocadas por um excesso de interesse’” (Ibidem) e “adverte-nos, porém, de que sua singular relação com Nietzsche não é senão o eco de sua singular relação com a coisa filosófica” (Ibid).

A coisa filosófica a qual Freud se refere é precisamente a filosofia de tradição dogmática e metafísica, a mesma que o próprio Nietzsche se esforçou por desmontar e derrubar em seus

1. A partir do estudo detalhado de GASSER, R. *Nietzsche und Freud*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1997 e ASSOUN, P.L. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo: Brasiliense, 1989., sabemos que a obra de Nietzsche estava fortemente presente no ambiente freudiano. Às quartas-feiras, Freud e seus amigos, Braun e Paneth, reuniam-se na Associação de leitura dos estudantes alemães de Viena, da qual Freud foi membro por cinco anos (1873/1878) para ler, dentre outras obras, *A Genealogia da Moral*, *Ecce-Homo* e *as Considerações Extemporâneas* de Nietzsche.

empreendimentos filosóficos. Assim é que anos mais tarde, quando o edifício da metapsicologia já estava suficientemente construído, Freud já não mais se furtou de declarar, em sua *Autobiografia* (1925), que “Nietzsche [era], o outro filósofo cujas intenções e percepções frequentemente coincidem de modo espantoso com os laboriosos resultados da psicanálise” (2011, p. 148).

O próprio Nietzsche, em seu *Ecce Homo*, livro igualmente lido nas quartas-feiras do círculo vienense, confere a si mesmo o título de primeiro psicólogo, colocando-se juntamente à parte dos demais filósofos: “Quem, entre os filósofos, foi antes de mim *psicólogo*, e não o seu oposto, ‘superior embusteiro’, ‘idealista’? Antes de mim não havia absolutamente psicologia” (NIETZSCHE, F. 2008, p. 106). Oswaldo Giacoia Junior, em seu livro *Nietzsche como psicólogo*, defende que o filósofo se considera o primeiro psicólogo da Europa porque sua proposta de psicologia “consiste, no essencial, em desconstruir, ou dito de maneira mais radical, em destruir essas pilastros metafísicas sobre as quais se assentava não somente a psicologia racional, como também as bases teóricas da psicologia em geral, pelo menos até o momento em que Nietzsche escreve sua obra” (2001, p. 22).

Partirei do horizonte das “intenções e percepções” que Freud encontra na obra de Nietzsche, como constatado por Gasser e Assoun², para compreender o conceito de *infamiliar* na metapsicologia freudiana à luz do conceito de niilismo na filosofia de Friedrich Nietzsche, mostrando suas aproximações e diferenças. Se o objetivo deste artigo é promover deslocamentos entre o conceito de *infamiliar*, no texto *Das Unheimliche* (1919)³, de Freud, e o de niilismo [*Nihilismus*], em Nietzsche, partimos do pressuposto de que toda pesquisa requer um cuidado arqueológico. Trata-se, portanto, de uma prática de investigação “que tem a ver não com a origem, mas com o ponto de insurgência do fenômeno, e deve, portanto, se confrontar novamente com as fontes e com a tradição” (AGAMBEN, 2019, p. 128).

Cabe lembrar, neste sentido, a afirmação de Foucault acerca de como podemos ler e nos apropriar de um filósofo como Nietzsche, marcando que o seu dizer permanece atual e nos é caro na medida em que nos interessa pensar uma psicanálise implicada com o seu tempo, tal como esta deveria ser para Freud:

a única marca de reconhecimento que se pode prestar a um pensamento como o de Nietzsche se dá precisamente quando o utilizamos, quando o deformamos, quando o fazemos ranger, gritar. Agora, que os comentadores digam se somos ou não, fiéis, isso não tem nenhuma importância (1954-1975, p. 1621).⁴

2. Cabe ressaltar, entre outras, a antecipação nietzschiana da ideia de *Trieb* [pulsão] e de inconsciente, que teriam resultado no conceito freudiano de Es [Isso], como nos mostra ASSOUN, P. L., 2000, p. 45.

3. Todas as citações de *Das Unheimliche* são realizadas de acordo com a seguinte edição: *O Infamiliar*. Trad. Emani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Em alguns momentos do texto, irei me basear nos comentários de CHAVES, E., presente no ensaio *Perder-se em algo que parece plano*, que consta no mesmo livro e, também, no texto *A negação* (1925), igualmente presente nesta edição. Citarei a paginação seguindo a mesma edição e apenas diferenciando os autores e ano quando necessário.

4. Disponível em: <http://libertaire.free.fr/MFoucault193.html>. Acesso em: 24 de outubro de 2023. “Entretien sur la prison: le livre et sa méthode” (entretien avec J.-J. Brochier). In.: *Dits et écrits* (1954-1975), vol. I, n° 156. Paris: Éditions Gallimard “Quarto”, p. 1621. Tradução livre de minha autoria.

Tecer relações é sempre arriscado. Corre-se o risco de transformar a relação em uma comparação e, sob a pena da injustiça, empobrecer um lado na medida em que se enriquece outro. Na caça pela autoria e pelo impulso em atestar a veracidade das relações que se subscreveram na história, somos levados a atribuir um dito onde este não se fez. Peço ao leitor que se afaste dessa tendência, puramente empírica – um pouco como fez Freud, ao afirmar que a teoria das pulsões seria sua mitologia, e caminhe em direção a um outro tipo de investigação. Esta que, a meu ver, se situa no horizonte da prática clínica.

No intuito de nos distanciarmos de tendências comparativas, o método arqueológico ampara-se, sobretudo, nas reflexões de Foucault a respeito da problemática da autoria, da crítica e da genealogia – a qual ele pensa a partir de Nietzsche. Ao colocar a questão: “Que importa quem fala?” (1969, p. 264), marcando o lugar vazio do discurso, Foucault afirma que o mais importante não é, mais uma vez, constatar o desaparecimento da figura do autor, questão que lhe era contemporânea – e a nós, mais ainda –, mas descobrir “os locais onde sua função [do vazio] é exercida” (Ibidem). Nesse sentido, ainda que um autor seja determinado como “aquele a quem se pode atribuir o que foi dito ou escrito”, tal atribuição se determina, muito mais do que pela assinatura da obra, pelo “resultado de operações críticas e complexas” (Ibidem) que sua obra suscita.

Tomando consciência dos vazios dos discursos, o método genealógico entende que todo saber é perspectivístico. Contrapondo-se à “história dos historiadores”, que acredita ser possível descobrir uma origem [*Ursprung*] e submete o presente à soberania do passado, a história como genealogia tem “a acuidade de um olhar que distingue, reparte, dispersa, deixa operar as separações e as margens”. (FOUCAULT, 2011, p. 27). Assim, se nos propomos a olhar o *infamiliar* de Freud à luz da ideia de niilismo tal como elaborada por Nietzsche, não o fazemos sob o ponto de vista de uma mera “relação”, menos ainda, de uma “comparação”.

Muito mais do que determinar se tais relações de fato se sustentam, ainda que não faltem argumentos pelos quais poderíamos comprová-las (Gasser e Assoun), o que me interessa é estabelecer novas tessituras associativas a partir das conexões que se pode extrair de dois conceitos fundamentais, tanto no que diz respeito à metapsicologia de Freud, quanto no que diz respeito à filosofia de Nietzsche. Ao iluminar um, não lançamos sombra sobre o outro, ao contrário, o posicionamos sob uma nova perspectiva, promovendo *deslocamentos*.

A estética como uma teoria dos afetos e da escuta

Tanto Freud quanto Nietzsche atravessaram, de maneiras distintas, o horizonte niilista e infamiliar de suas respectivas épocas. Nietzsche já percebia no ideal prussiano de unificação dos Estados, realizada pelo Reich de Otto Von Bismarck, a precipitação de um desejo de eugenia do *Volk* [povo] alemão, que poderia alcançar proporções catastróficas. Freud, um judeu sem pátria (e um judeu sem Deus), viu os ideais iluministas implodirem com os estertores da primeira guerra e o extermínio em massa da segunda. Diante da barbárie, “desmoronava, portanto, não apenas um mundo idealizado de acordo com os princípios da ciência, mas também o mundo real, que até então parecia sólido e inquebrantável” (CHAVES, 2020, p. 163)⁵. Freud escreve *Das Unheimliche* em 1919, bastante afetado

5. CHAVES, E. Idem, p. 163.

pelos efeitos suscitados nos soldados que retornavam emudecidos da guerra, impossibilitados de transmitir, em palavras, o horror vivido nas trincheiras. Horror descrito por Primo Levi, na passagem da segunda guerra, como um estado de *inferno pessoal*: os prisioneiros dos campos de *Auschwitz* não estavam mortos, porém também não estavam mais vivos⁶.

Havia algo a ser comunicado, mas tamanha era a barbárie que o que precisava ser dito só poderia aparecer pelo não dito. Para tentar compreender o processo que desencadeava o emudecimento dos soldados traumatizados pela guerra, mas também muitas das manifestações da angústia que via em sua clínica, Freud, então, vale-se do conto *O Homem de Areia*, de E.T. A Hoffmann. Segundo Freud, “o psicanalista apenas raramente se sente estimulado a investigações estéticas” (FREUD, 1919/2020. p. 29), a não ser quando sua investigação toca em um ponto que é comum tanto à sua pesquisa da vida anímica, quanto à pesquisa estética: esse domínio comum é o do “infamiliar”.

Deste modo é que, enquanto *Fühlen* (sentir), a experiência do infamiliar é, inicialmente, uma experiência estética, mas que não se restringe ao contato com as obras de artes e à literatura em específico. Freud faz uso da literatura porque por meio dos contos, dos romances e das narrativas, somos capazes de acessar algo inacessível ao pensamento pelo viés da pura teoria. Se podemos constatar que há, em *Das Unheimliche*, uma concepção de estética que não se limita à doutrina kantiana do belo (*Estética do Juízo*), dando lugar ao que é tido como “infamiliar” na arte, o que pretendo destacar é que parece, sobretudo, frutífero, como Freud propõe ainda uma outra definição de estética que acaba, por fim, em ampliar o próprio sentido atribuído ao termo e, por conseguinte, a maneira como entendemos a prática da escuta clínica: falar de *unheimlich* enquanto uma experiência estética significaria, pois, pensá-la como “a doutrina das qualidades do nosso sentir” (FREUD, 1919/2020. p. 29)

Com esse posicionamento, como remarca Chaves, Freud enfrenta todo um arcabouço de teorias sobre a estética, de modo semelhante ao que fizera, duas décadas antes, ao enfrentar o “*establishment* médico-psiquiátrico, o que resultou na criação da própria psicanálise” (Idem, p. 155). Mas, a meu ver, o objetivo de Freud em *Das Unheimliche* não se restringe a uma discussão específica sobre a estética, ainda que o seu alcance tenha sido significativo para as vanguardas da época e as artes em geral. Trata-se, mais ainda, de insistir na psicanálise como um campo fundamentado na articulação entre diversos saberes (biológico/fisiológico, literário, artístico, antropológico, filosófico), mas, ao mesmo tempo, que não pode se dar sem uma crítica no interior desses mesmos saberes por ela compartilhados.

Neste sentido, um importante aspecto a ser destacado é que a palavra comumente empregada por Freud no texto para se referir ao sentimento de *unheimlich*, é *Wahrnehmung* (percepção), o que implica em dizer que a arte e o artista não mais “imitam” a realidade, mas a “percebem” e a recriam a partir de suas próprias percepções⁷. Com isso, Freud se coloca numa relação com a obra de arte

6. Cf. artigo de PERRONE, C. Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/289/o_infamiliar_e_o_trabalho_das_passagens_recalque_interpretac807a7710_e_vertigem/735. Acesso em: 24 outubro de 2023.

7. Cabe ressaltar que Chaves (Op. cit., p. 158) explicita como o mesmo mecanismo é discutido por Freud no caso das psicoses, pois “o psicótico não abandona inteiramente um tipo de vinculação à realidade – por meio dos rastros deixados pelas lembranças ou por certo tipo de avaliação e representações da realidade consideradas próprias da neurose –, mas delega para si a tarefa de recriar, diz Freud, tais ‘percepções’”.

(em especial, com os contos de Hoffmann) que não é a relação metafísica ou romântica daquele que contempla e “frui” a obra, e sim daquele que a percebe e a escuta, interrogando também a si mesmo a partir da obra. Trata-se de uma atitude que segue, de certo modo, a mesma via adotada por Nietzsche ao se valer da escuta das obras de arte de sua época para pensar o diagnóstico da modernidade⁸.

O infamiliar e a perda de orientação

O *unheimliche* é um daqueles termos que, precisamente por se mostrar naquilo que não é, é que ele pode encontrar muitas analogias, mostrando-se sob diversas facetas. Afinal, “para quase todos os exemplos do *infamiliar*, há um análogo que o contradiz” (FREUD, 1919/2020, p. 97). O próprio Freud relaciona o termo com o movimento de “retorno do recalçado”, presente, sobretudo, nas neuroses obsessivas⁹. Entretanto, como muito bem diz Freud, nem todo recalçado se transforma, em seu retorno, em *infamiliar*.

Considerando, portanto, o vasto horizonte semântico de um termo que, por si só, quase não encontra tradução em nenhuma língua, e sendo o “intraduzível” sua marca como aquilo que “não cessa de (não) traduzir” (CASSIN *apud* IANINNI e TAVARES, 2019, p. 8), pretendo abordá-lo a partir de uma via determinada, a partir da qual me parece fecundo extrair algumas relações com o conceito de niilismo em Nietzsche. Tomemos a observação de Schelling a respeito do termo, que é recuperada por Freud: “*Infamiliar* seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (FREUD, 1919/2020, p.45). Mais adiante, Freud dirá que do ponto de vista da teoria psicanalítica, isso que deveria permanecer oculto, porém, que veio à tona, seria da ordem de um “retorno do recalçado”. Nesse sentido, a angústia vivida a partir do retorno de coisas recalçadas diz respeito ao *infamiliar* “e, nesse caso, seria indiferente se ele mesmo era, originariamente, angustiante ou se carregava algum outro afeto consigo” (Idem, p. 85). O que Freud parece querer dizer, nessa passagem, é que há algo na natureza do *infamiliar* que sempre faz com que ele apareça acompanhado do sentimento de angústia, independentemente dessa angústia ter sido motivada ou precedida de um outro afeto. O que gera angústia, dirá Freud, seria justamente a sensação de “eterno retorno do mesmo”, provocando o sentimento de uma repetição “fora do lugar”, ou seja, de que algo, que não *deveria* retornar, retorna.

A esse respeito, Freud dá um exemplo bastante elucidativo para pensarmos o *unheimlich* da “onipotência do pensamento” no horizonte das questões de ordem subjetiva e moral que se colocavam à Europa naquele momento. Quando não acreditamos mais em algo que, anteriormente, pareciam dar “sentido” à nossa maneira de conceber o mundo e a existência (crenças, valores, artigos de fé), quando, portanto,

superamos esse modo de pensar, mas não nos sentimos inteiramente seguros acerca dessas novas convicções, as antigas ainda sobrevivem em nós e estão à espera de uma

8. Nietzsche dirá, no prefácio de 1886 à *Humano, demasiado Humano*, que seus livros pertencem a uma “escola da suspeita”, o que depois será comentado por Paul Ricoeur, identificando Marx, Nietzsche e Freud neste mesmo movimento da “suspeita” inaugurado por Nietzsche. O movimento da suspeita pressuporia, para o filósofo, ser capaz de escutar e de “auscultar” o que permanece soterrado sob a fachada da moral, dos valores, do “senso comum”.

9. Cf. FREUD, 1919/2020, p. 97. O *infamiliar*: “É justo dizer que o *infamiliar* é o familiar-doméstico que sofreu um recalçamento, dele retornando, e que todo *infamiliar* preenche esta condição.”

confirmação. Na medida em que algo *acontece* em nossa vida, que parece encontrar uma confirmação nessas antigas e abandonadas convicções, podemos complementar o sentimento *infamiliar* com a seguinte avaliação: ‘É realmente verdade que se pode matar alguém apenas com um simples desejo, que os mortos ressuscitam e se tornam visíveis nos antigos lugares de suas atividades’ e assim por diante... (1919/2020, p. 103).

No exemplo fornecido por Freud, a onipotência de pensamentos aparece como *resultado* complementar diante de um sentimento *infamiliar*. A onipotência de pensamento pretenderia, nessa via interpretativa, dar conta de uma abissal carência de sentidos e crenças.

É modelar a observação de Freud, a qual relaciona o *infamiliar* com a *angústia* e o recalçamento. Ele nos diz que todo afeto de uma moção ou sentimento transforma-se em angústia por meio do recalque e, em alguns casos, este elemento recalçado retornaria juntamente com o seu quantum de angústia associado. Novamente, esse “angustiante seria, então, o *infamiliar* e, nesse caso, seria indiferente se ele mesmo era, originariamente, angustiante ou se carregava algum outro afeto consigo” (Idem, p. 85). Nesse processo é que se mostra, por sua vez, a natureza secreta do *infamiliar*: ele é o familiar que se converte em seu oposto, da mesma forma que uma *Verneinung* [negação]¹⁰ seria a afirmação de algo pelo seu avesso, ou antinômico, ou ainda antipodal – cuja afirmação se mostra por meio de uma negação¹¹. Ele, o *infamiliar*, “nada tem realmente de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento” (Ibidem).

Trata-se do mecanismo da *reversão pelo seu contrário*, presente, por exemplo, na distorção e na negação. No que diz respeito aos exemplos fornecidos por Freud no texto de 1925 (*A negação*), é possível observar que estes se apresentam, na clínica analítica, como uma forma circular do sujeito entrar em contato com o conteúdo, moção ou pulsão recalçada. Neste sentido é que ao negar, ao dizer que *não é*, o sujeito tem a possibilidade de realizar uma afirmação antitética, como sua antítese, ou antipodal, com o seu diametralmente oposto. Trata-se de uma antítese que, todavia, não se busca resolver em uma síntese¹².

10. Considerando que na edição da Autêntica, o termo é traduzido como negação, nos serviremos aqui deste modo. Todavia, é importante marcar o debate na comunidade psicanalítica a esse respeito, sendo o termo freudiano *Verneinung* traduzido para o português como *negação*, *negativa* ou *denegação*. Ainda que partilhemos da tradução adotada por Maria Rita Salzano Moraes (Autêntica), é importante marcar que no que diz respeito à semântica da palavra alemã *Verneinung*, o termo equivalente em português, de ‘denegação’, seria bastante apropriado. Isso se dá deste modo, pois o prefixo alemão ‘*ver*’, quando acompanhado de um verbo (no caso, da interjeição ‘*nein*’) pode indicar, dentre outras coisas, a negação daquilo que acompanha o prefixo, ou seja, de modo tanto gramatical quanto lógico, a *Verneinung* é uma negação que nega a si mesma, mas, ao fazê-lo, ela afirma parte do conteúdo negado, porém de maneira antipodal.

11. No texto de Freud (1925), *A negação* [*Verneinung*] é mostrada pelo exemplo do sonho com a mãe – que *não é* – através de uma dupla negação e consiste em uma das formas do sujeito tomar consciência, ou conhecimento, do recalçado.

12. Como argumenta SAFATLE, V., (2014, p. 27), a ‘negação’ freudiana não diz respeito à uma dialética no sentido clássico tal como formulada por Hegel, que compreenderia sempre uma *Aufhebung* [superação, suspensão ou suprassunção], pois a “suspensão intelectual do recalque não é uma aceitação efetiva do recalcado”. Precisamente por isso e tendo em vista a diferenciação da dialética freudiana para com a dialética hegeliana, Safatle sugere que a escuta clínica não deve se amparar na tentativa de “superação” do recalcado, como se ao explicitá-lo, fosse possível qualquer eliminação neurótica dos sintomas. Não é disso que se trata, pois “a posição do analista é muito mais aquela de quem pergunta: por que a síntese com esse afeto ou representação precisou encontrar uma forma negativa?” (Ibidem, p. 32). Trata-se, em última instância, de fazer com que o sujeito trace a genealogia do seu desejo e, com isso, possa se interrogar sobre ele – e sobre si mesmo.

Mas o que se deveria observar aqui é que esse processo de *negação* se reedita inúmeras vezes durante o processo de uma análise, estando muitas vezes associado à transferência, por vezes negativa, quando por exemplo o paciente diz: “Agora o senhor vai pensar que eu quero dizer algo ofensivo, mas, realmente, não tenho essa intenção”, ou ainda: “O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Minha mãe *não* é” (FREUD, 1925, p. 141). Nesse sentido, nota-se como a estrutura de funcionamento da negação que traz para o plano da consciência o recalcado, funciona parcialmente na manifestação do *infamiliar*, pois Freud (1919/2020, p.142) nos diz que “um conteúdo de representação ou de pensamento recalcado pode abrir caminho até a consciência sob a condição de que seja *negado*.”

Negado, o conteúdo pode novamente aceder à consciência e entrar no ciclo da repetição, mas, agora, como observamos, de uma forma antinômica ou antipodal. Mas se o *infamiliar* possui relações com a negação em seus parentescos ou afiliações com o recalcado, há algo que os diferencia drasticamente. Enquanto a negação é realizada por um juízo afirmativo-negativo, sendo do plano do pensamento levado à fala, o *infamiliar* pertence, em sua esmagadora, senão total ocorrência, ao campo da percepção, como já referido.

Em certo momento de *O Homem de Areia* (Hoffmann), Nathanael, ao buscar contemplar o arbusto cinzento e esquisito que vinha em direção a eles – como sugerira Clara –, pega o monóculo de Coppola (que é Copelius) e, ao mirar, vê *para além de Clara*, a cena de sua precipitação no mortal *infamiliar* (1919/2020, p. 262)¹³. Nesse sentido, por tratar-se de um retorno do recalcado que toma conta da esfera da *percepção* do sujeito, o retorno do material recalcado encontrar-se-ia fora da possibilidade da sua expressão em palavras e, com isso, de ser *negado*. Assim, o *infamiliar* sempre se coloca como um dado perceptível e irrefutável, ultrapassando a consciência do sujeito, desnordeando-o, retirando-lhe a orientação comum, de modo a lançá-lo, juntamente com o conteúdo recalcado que retorna, à correspondente angústia.

O niilismo: o inóspito infamiliar

Podemos, agora, nos perguntar, finalmente, como a descrição do *unheimlich* aqui abordada se relaciona diretamente com o horizonte do niilismo, diagnosticado por Nietzsche. Primeiramente, é mister considerar que o termo alemão *Nihilismus* chega ao filósofo a partir da sua relação com os anarquistas russos, de modo que, já em 1880, Nietzsche verá o “niilismo em estreita relação com outros fenômenos de sua época, em parte bem distintos, todos eles apontando para *um* mal fundamental: a náusea em relação ao mundo” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 123). Contudo, de 1885 em diante, o niilismo passa a ser caracterizado de modo mais específico, passando a designar a “experiência do nada” (VAN TONGEREN, 2018, p. 26).

O niilismo não diz respeito à derrocada de um conjunto de crenças, teses, hipóteses ou sua posterior substituição por novos artigos de fé. No niilismo, os valores que conferiam sentido à existência são desvalorizados, porém nada resta em seu lugar. Ou melhor, resta o *nada* enquanto experiência de angústia diante da falta de um único sentido que possa justificar a existência. Para Nietzsche, esse típico processo, característico do niilismo, ocorre precisamente porque os

13. Cf. a demanda de Clara: “Veja aquele pequeno arbusto cinzento, esquisito, que parece estar vindo diretamente em nossa direção” (FREUD, 1919/2020, p. 262).

valores gerais que conferiam sentido à existência estavam atrelados a uma única e determinada hipótese: a interpretação moral judaico-cristã.

Nietzsche dirá que o cristianismo, enquanto filho e herdeiro das ideias platônicas do “puro espírito” e do “bem em si”, não admite um mundo que não esteja curvado às suas próprias leis universais de “Bom”, “Belo” e “Verdadeiro”. Para isso, ele cria um outro mundo, um “verdadeiro mundo” ideal e inalcançável, somente *prometido* para “o sábio, o devoto, o virtuoso (“para o pecador que faz penitência)” (NIETZSCHE, 2006, p. 31).

Assim é que, a fim de preencher a monstruosa *lacuna* inerente à existência, era necessário que o *sentido* atribuído pela hipótese moral cristã fosse “universal o bastante para que, medidos por ela, todos os demais interesses da existência humana pareçam estreitos e mesquinhos”, não admitindo, assim, nenhuma outra meta, nenhuma outra interpretação (NIETZSCHE, 2009, p. 126). As categorias de “Bom”, “Belo”, “Verdadeiro”, deveriam ser medidas por uma lei universal, lei que esse mundo, o nosso mundo aparente, efêmero e contingente, não poderia abarcar. Não obstante, cria-se, então, a oposição entre um “mundo aparente”, puro devir, ruim, e um “mundo verdadeiro”, bom, acessível apenas enquanto promessa.

O niilismo, enquanto perda da crença nos valores que davam sentido à existência, irrompe à nossa porta, não apenas porque aqueles artigos de fé foram negados, retirados de seu valor de justificação da vida: mais ainda, o niilismo irrompe porque a sustentação daqueles valores estava atrelada à crença em um “mundo verdadeiro”, porém puramente fictício, imaginariamente criado por nós para sustentar fantasmaticamente o nosso desamparo. Assim, a causa do niilismo não seria a interpretação cristã-moral da existência, porém, “as categorias da razão, ou seja, o horizonte racional transcendental de nossos supremos valores e ideais” (GIACCOIA JUNIOR, 2001, p. 81). Por meio desse fanatismo, que acompanharia o recurso da hipótese moral cristã como a *única* interpretação, é que o seu sentido passou a se tornar um sentido absoluto, excluindo a multiplicidade de perspectivas.

Quando, porém, as categorias pelas quais a existência parecia plena de sentido, começam a desmoronar, então a própria existência, sujeita à temporalidade do vir-a-ser, vai a pique. É precisamente porque “*uma* interpretação soçobrou; porém, porque ela valia como *a* interpretação, parece como se não houvesse absolutamente nenhum sentido na existência, como se tudo fosse *em vão*” (NIETZSCHE, 2013, p. 183). As portas se abrem para o niilismo, o mais inóspito dos hóspedes.

Se, por um lado, o filósofo constata que a moral religiosa não é mais capaz de fornecer uma resposta ao “sentido” da existência (algo que está implícito em sua conhecida afirmação: “Deus está morto”), por outro, o niilismo conduz o homem a buscar na ciência e nos ideais progressistas a mesma fé que outrora depositava em Deus¹⁴. Na tentativa de erigir um novo mundo absoluto, que possa substituir o velho mundo colapsado, o homem se apoia em ideais com sem-

14. Isso é minuciosamente elaborado por Nietzsche em sua *Genealogia da Moral*, texto lido por Freud nas reuniões às quartas-feiras. Infelizmente, não terei tempo para elaborar suficientemente esse aspecto no trabalho. Cf. GASSER, R. *Nietzsche und Freud*. Berlin/New York: De Gruyter, 1997.

15. Nietzsche identifica em Platão o berço das categorias judaico-cristãs como *alma*, *substância*, *identidade*, *ser*, categorias que, por sua vez, não poderiam conhecer nenhum princípio de contradição. São essas as categorias cuja derrocada se dá no mundo moderno, deixando o homem desorientado em seu próprio berço. Cf. por exemplo, a obra de NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*.

blante de “progresso” e “liberdade”, mas que respondem, ainda, ao que se encontrava na base do fundamento judaico-cristão, cuja origem remontaria ao dogmatismo filosófico de Platão¹⁵: o fanatismo. Ideais antissemitas, a crença na ciência e no progresso *a todo custo* seriam, portanto, retornos de um material recalcado: a busca fanática por algo que dê conta do desamparo.

Para Nietzsche, há, no niilismo, uma dimensão completamente dolorosa e que diz respeito não apenas à perda da crença nos valores anteriores, mas, principalmente, ao fato de não mais nos autorizarmos a acreditar em novos valores; já que, uma vez imersos no niilismo, a existência aparece como sendo *em vão*. Essa experiência do niilismo faz com que o sujeito seja lançado a uma dimensão completamente indeterminada da existência, em que não há mais valores para negar sequer imaginariamente, “mas não se suporta esse mundo que já não se quer negar” (NIETZSCHE, 2012, p. 37). Rejeitamos esse mundo, mas não sabemos mais onde habitar.

Considerações finais: o *infamiliar*, o niilismo e a habitação

O *infamiliar* e o niilismo possuem em comum o fato de lançarem o sujeito a uma sensação muito específica de perda de orientação, em que se é estrangeiro em sua própria morada. A ideia que aproxima ambos os conceitos se encontra expressa em uma anotação feita por Nietzsche entre 1885 e 1886: “O niilismo bate à porta: de onde vem até nós esse mais *infamiliar* [*unheimlichste*] de todos os hóspedes?”¹⁶. Vemos que a referência de Nietzsche ao *unheimlich* carrega explicitamente alusão à ideia de casa, àquilo que nos é mais íntimo, mais secreto, mais protegido. É nesse sentido que o adentramento no caráter inóspito da habitação tem como resultado que o sujeito tenha de conviver com aquela dimensão de si mesmo que jamais se tornará conhecida – o que significa que a habitação sempre comporta a surpresa e o perigo de sua própria destruição. Na análise do termo *unheimlich* feita por Freud (1919) a partir do dicionário de Jacob e Grimm, é possível traçar as nuances do termo. Como bem remarca Freud, o prefixo *un* representa uma negação e é, portanto, a marca do recalçamento (1919/2020, p. 95). *Heim*, por sua vez, pode significar tanto casa, lar, morada, quanto domicílio ou pátria [*Heimat*], e o sufixo *lich*, por fim, é o que confere à palavra na língua alemã, a sua qualidade de adjetivo.

Marguerite Duras nos lembra que “é numa casa que a gente se sente só. E não do lado de fora, mas dentro dela” (2021, p. 23), afirmação que marca o caráter eminentemente paradoxal de *unheimlich*, termo que carrega em si mesmo, também o seu oposto (*un*)(*heim*)¹⁷. Tanto o niilismo, quanto o *infamiliar*, comportam a dimensão latente de algo que sempre esteve lá (*es war*), mas que apenas sob um determinado conjunto de circunstâncias pode emergir (*werden*), tornando-se um hóspede inóspito, sempre estrangeiro.

Se o niilismo é, por um lado, um hóspede que se demora e, enquanto hóspede, nos é familiar [*heimliche*] na medida em que entra em nossa casa somente porque os valores que ele *nega* foram outrora nossos valores mais íntimos e secretos [*geheim*] aos quais a nossa “prova de realidade”

16. No original, em alemão: *Der Nihilismus steth von der Tür: woher kommt uns dieser unheimlichste aller Gäste?*. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1885,2>. Acesso em: 24 de outubro de 2023. Salvo indicações contrárias, a tradução é de minha autoria.

17. Sequer uma tradução violenta e literal é capaz de abarcar a negação e a afirmação contidas, simultaneamente, no termo.

estava atrelada; por outro, ele é o mais infamiliar [*unheimlichste*] dos hóspedes precisamente porque não há nada mais incômodo e paradoxal à percepção humana do que o mesmo que retorna sob o seu oposto, sua face *negativa*. Não à toa, Freud pensou que o infamiliar teria na negação uma das suas modalidades, pois para o sujeito nada é mais suscetível de angústia do que sonhar com aquela que – *não é* – a própria mãe. Nada causa mais horror do que a barbárie sob o manto do progresso, o extermínio em massa sob o argumento da defesa de uma raça, o direito à violência sob o argumento da “liberdade de expressão”.

Às vezes, pode ser apenas o sentimento de se estar perdido na cidade onde nasceu; ou a angústia diante de algum traço do recalcado que retorna em nossa própria análise. Trata-se, como já dizia Riobaldo em *Grande Sertão Veredas*, da percepção de que “o sertão é dentro da gente”. Esse infamiliar que nos é tão familiar e, portanto, inóspito: é travessia.

Referências

- AGAMBEN, G. *Signatura Rerum. Sobre o método*. Trad. Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ASSOUN, P. L. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Freud and Nietzsche*. London/New York: Continuum, 2000.
- CHAVES, E. “Perder-se em algo que parece plano”. In.: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, v. 8. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- DURAS, M. *Escrever*. Trad. Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2011.
- _____. “Entretien sur la prison: le livre et sa méthode” (entretien avec J.-J. Brochier). In.: *Dits et écrits (1954-1975)*, vol. I, nº 156. Paris: Éditions Gallimard “Quarto”.
- FREUD, S. O Infamiliar. In.: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, v. 8. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 1919/2020.
- _____. A Negação. In.: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, v. 8. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 1925/2020.
- _____. Autobiografia. In.: *Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 16. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. História do movimento psicanalítico. In.: *Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GASSER, R. *Nietzsche und Freud*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1997.
- GIACOIA JUNIOR, O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2001.
- _____. O niilismo e a lógica da catástrofe. Para um diagnóstico nietzscheano da modernidade. In.: *Revista de Filosofia da Unisinos*. v.2, n.2. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- HOFFMANN, E. T. A. *O Homem de Areia*. In.: *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, v. 8. Trad. Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- IANNINI, GILSON; TAVARES, PEDRO HELIODORO (Org.) (2019). Freud e o infamiliar. In.: FREUD, Sigmund. *O infamiliar e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, v.8.
- MÜLLER-LAUTER, W *Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia*. Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, F. *Fragments Póstumos. Vol. VI/Vol. VII.* Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013/2012.

_____. *Digitale Kritische Gesamtausgabe.* Disponível em: <http://www.nietzschesource.org>. Acesso em 21 de ago. de 2022.

_____. *Genealogia da moral.* Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERRONE, C. *O infamiliar e o trabalho das passagens: recalque, interpretação e vertigem.* Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/289/o_infamiliar_e_o_trabalho_das_passagens_recalque_interpretacao807a7710_e_vertigem/735. Acesso em 21 de ago. de 2022.

SAFATLE, V. Aquele que diz 'não': sobre um modo peculiar de falar de si. In.: FREUD, S. *A Negação.* Trad. Marilena Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VAN TONGEREN, P. *Friedrich Nietzsche and European nihilism.* Newcastle: Lady Stephenson Library, 2018.